

**A DESIGUALDADE DE GÊNERO NO ÂMBITO DESPORTIVO PERCEBIDA  
A PARTIR DE DISPARIDADES NA VALORIZAÇÃO ECONÔMICA DE  
ATLETAS NO FUTEBOL**

*GENDER INEQUALITY IN THE SPORTS SCOPE PERCEIVED FROM  
DISPARITIES IN THE ECONOMIC VALUATION OF ATHLETES IN  
SOCCER*

*DESIGUALDAD DE GÉNERO EN EL ÁMBITO DEPORTIVO PERCIBIDA A  
PARTIR DE LAS DISPARIDADES EN LA VALORACIÓN ECONÓMICA DE  
LOS ATLETAS DE FÚTBOL*

**Ana Luiza Baccin Carvalho<sup>1</sup>**

**RESUMO**

O presente artigo busca analisar as desigualdades relativas ao gênero no ambiente esportivo. Parte-se de uma noção histórica sobre a influência das correntes feministas no meio desportivo, bem como é demonstrada a necessidade de uma perspectiva interseccional para este estudo. Optou-se por tratar de maneira específica o futebol para delimitar o âmbito de estudo. Assim, realizou-se uma abordagem qualitativa de dados provenientes de outros estudos que versaram sobre tais pontos dentro deste esporte. A partir disso, constatou-se que no meio esportivo a presença e a importância dada às mulheres ainda são diminutas. Apesar de algumas recentes medidas tomadas para a redução da desigualdade de gênero, ainda há a necessidade de outras ações da iniciativa privado e do Estado. Destaca-se também a relevância da mídia no que diz respeito a dar maior visibilidade às modalidades femininas. A metodologia utilizada foi a observacional, por meio da técnica de pesquisa bibliográfica e documental de obras e textos que abordam os temas tratados.

**Palavras-chave:** Esporte. Feminismo. Direito Desportivo. Futebol.

**ABSTRACT**

This article seeks to analyze gender inequalities in the sports environment. It starts from a historical notion about the influence of feminist currents in the sports environment, as well as demonstrating the need for an intersectional perspective for this study. It was decided to treat football specifically to delimit the scope of the study. Thus, a qualitative approach was made to data from other studies that dealt with such points within this sport. From this, it was found that in the sports environment the presence and importance given to women are still small. Despite some recent steps taken to reduce gender inequality, there is

---

<sup>1</sup> Graduada em Direito pela Universidade Federal do Paraná; ana.baccin.carvalho@gmail.com.

still a need for other actions by the private sector and the State. It also highlights the relevance of the media in terms of giving greater visibility to women's modalities. The methodology used was observational, through the technique of bibliographical and documentary research of works and texts that address the themes addressed.

**Keywords:** Sport. Feminism. Sports law. soccer.

### **RESUMEN**

Este artículo busca analizar las desigualdades relacionadas con el género en el ámbito deportivo. Se parte de una noción histórica sobre la influencia de las corrientes feministas en el ámbito deportivo, además de demostrar la necesidad de una perspectiva interseccional para este estudio. Se decidió tratar específicamente el fútbol para delimitar el ámbito de estudio. Así, se realizó un abordaje cualitativo sobre datos de otros estudios que trataron tales puntos dentro de este deporte. A partir de ello, se constató que en el ambiente deportivo la presencia e importancia que se le da a la mujer es aún pequeña. A pesar de algunas medidas recientes tomadas para reducir la desigualdad de género, todavía se necesitan otras acciones por parte del sector privado y el Estado. También se destaca la relevancia de los medios de comunicación a la hora de dar mayor visibilidad al deporte femenino. La metodología utilizada fue observacional, a través de la técnica de investigación bibliográfica y documental de obras y textos que abordan las temáticas abordadas.

**Palabras clave:** deporte. Feminismo. Derecho Deportivo. fútbol.

Data de submissão: 04/08/2022

Data de aceite: 16/11/2022

## **1 INTRODUÇÃO**

No último século, a pauta feminista tem adentrado diversos âmbitos da sociedade brasileira e mundial. Para além das questões trabalhistas, políticas e educacionais, no meio esportivo existe uma grande necessidade de implementação dessa perspectiva, pois atualmente trata-se de um campo em que a desigualdade em os gêneros ainda é bastante grande. Os privilégios masculinos dentro do esporte não afetam atletas apenas, mas todas aquelas envolvidas com o desenvolvimento e organização da prática esportiva.

Nesse sentido, o presente artigo se propõe a abordar a desigualdade de gênero especialmente no que tange à valorização econômica das atletas. Para

isso, inicialmente são perpassadas questões históricas a respeito da influência das correntes feministas no meio desportivo, bem como é demonstrada a necessidade de uma perspectiva interseccional para este estudo.

Conforme as noções adotadas por Cleber Cristiano Prodanov e Ernani Cesar de Freitas, o estudo realizado parte de uma metodologia qualitativa quanto à abordagem e explicativa quanto aos objetos, vez que os objetos são analisados por aspectos subjetivos (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70), bem como busca-se analisar as razões do fenômeno apresentado (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 53-54). Além disso, utilizou-se como método de abordagem o fenomenológico, que consiste em apresentar o objeto pesquisado e esclarecê-lo a partir de seus aspectos essenciais e intrínsecos (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 35-36). Já o método de procedimento utilizado foi o observacional, a partir da pesquisa bibliográfica dos temas abordados (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 37).

A fim de delimitar a pesquisa, foram selecionados exemplos e casos específicos que tratam de atletas do futebol. Dessa maneira, realizou-se uma análise qualitativa de dados provenientes de outros estudos que versaram sobre os pontos pesquisados. Ao longo do artigo destaca-se a necessidade de adoção de uma perspectiva interseccional, uma vez que o discurso feminista deve abarcar também questões raciais e econômicas; assim como se faz uma apresentação do atual quadro desta desigualdade, dentro e fora de campo.

Por fim, demonstra-se a necessidade de atitudes tanto do Estado quanto da iniciativa privada no que diz respeito ao combate da desigualdade de gênero, apesar das medidas que já foram implementadas. Além disso, destaca-se o papel extremamente importante exercido pela mídia devido à sua influência ao dar maior ou menor visibilidade aos atletas e eventos esportivos.

## **2 NOÇÕES HISTÓRICAS RELATIVAS À DESIGUALDADE DE GÊNERO**

Inicialmente, os homens eram os únicos que possuíam a oportunidade de se tornarem atletas, por muito tempo as mulheres foram proibidas de praticar esportes. No Brasil, por exemplo, em 1941 foi editado por Getúlio

Vargas o Decreto-Lei n. 3.199, o qual estabeleceu a organização esportiva no país, criando o Conselho Nacional de Desportos (CND). Segundo o art. 54 deste diploma “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Essa situação só piorou durante a Ditadura Militar, quando o CND, através da Deliberação n. 7 tornou explicitamente proibida a prática do futebol e outros esportes pelas mulheres – “Deliberação CND n. 7/65 – Não é permitida [às mulheres] a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball”. Somente em 1979 é que essa deliberação foi revogada e apenas em 1986 é que foi publicada a Recomendação n. 2 do CND, na qual “reconhece a necessidade de estímulo à participação da mulher nas diversas modalidades desportivas praticadas”.

De maneira geral, as reivindicações feministas ligadas ao meio desportivo podem ser enquadradas na chamada segunda onda feminista, em que o movimento na década de 60 se direcionou ao contexto social, econômico e político no Ocidente. Várias mulheres notaram o sexismo e a noção de hierarquia de gênero no esporte, de modo que a busca pela promoção de igualdade entre homens e mulheres neste campo se tornou promissora (ADAMS, 2017, p. 115).

Apesar de já se passarem mais de 60 anos desde esse momento, as disparidades no mundo dos esportes de alto rendimento ainda são muito grandes quando se trata da perspectiva de gênero<sup>2</sup>. A exemplo disso, os atletas homens recebem muito mais em comparação com as mulheres. A autora Mary Louise Adams (2015, p. 115) cita o valor recebido pelo campeão

---

2 Como bem demonstrado por Maria Eunice Figueiredo Guedes, a definição de gênero ainda é território bastante controverso, que permite diversas interpretações e conceitos (1995). Para o presente trabalho utiliza-se o trabalho da autora como uma referência para esse ponto. Sendo assim, entende-se por gênero “uma forma de entender, visualizar e referir-se à organização social da relação entre os sexos” (GUEDES, 1995, p. 8). Os debates acerca das interpretações em relação ao que é “gênero” permitem o desenvolvimento de trabalhos inteiros apenas com tais reflexões. Por não ser o escopo principal do presente artigo, não será aprofundada essa discussão, bem como não será abordada a questão de atletas transexuais, de modo que ao mencionar termos como “mulheres”, “feminino”, dentre outros nesse sentido, abarca-se tanto mulheres cisgêneras quanto mulheres transgêneras.

do *Professional Golf Association (PGA)*.<sup>3</sup> Rory McIlroy recebeu um milhão e cem mil libras, enquanto Inbee Park, campeã dessa mesma competição na modalidade feminina, ganhou 212 mil libras – valor equivalente a 19,2% do prêmio masculino.

Afora os valores das premiações, a desigualdade de gênero também pode ser percebida na cobertura dos eventos desportivos na mídia, bem como na quantidade de mulheres membros dos conselhos diretivos das federações e clubes. Portanto, a busca por igualdade deve ir além destas questões relativas a valores econômicos; o movimento feminista desportivo também se preocupa com a representação das atletas neste âmbito, pois, atualmente, a imagem dessas mulheres é sexualizada pela mídia, o que obstaculiza o desenvolvimento delas, vez que é evidente que não são levadas a sério como profissionais do esporte. Tendo em vista todas essas questões, fica claro que políticas em prol da igualdade de gênero dentro do esporte são urgentes.

Como uma das principais razões que leva à desigualdade de gênero está o desenvolvimento de uma cultura patriarcal e heteronormativa. Em relação aos traços patriarcais da sociedade, os estados arcaicos já se organizavam seguindo o modelo patriarcal, fundado na apropriação da função sexual e reprodutiva das mulheres, o que ocorreu muito antes da formação da propriedade privada e da sociedade de classes (LERNER, 2019).

Com o desenvolvimento social, a subordinação feminina foi institucionalizada por meio de leis e códigos, havendo imposição do Estado para manutenção desse modelo social (LERNER, 2019). Apesar de haver avanços significativos na emancipação feminina, a cultura patriarcal influencia a visão dos indivíduos sobre a sociedade, estabelecendo dificuldades muito maiores às mulheres no que diz respeito à ocupação de espaços que originalmente lhes foram privados, devido ao modelo patriarcal sobre o qual a sociedade se desenvolveu (LERNER, 2019). Assim, é no âmbito esportivo, onde mulheres são constantemente desvalorizadas e subrepresentadas. Exemplos desse cenário foram apresentados anteriormente e outros ainda serão abordados no decorrer do artigo.

---

3 Associação Profissional de Golfe (tradução livre).

No que diz respeito à heteronormatividade, compreende-se que é um padrão de sexualidade o qual regula a organização das sociedades ocidentais, determinando quais identidades e sexualidades são socialmente aceitas (PRADO; NOGUEIRA, 2018). A noção heteronormativa imposta pela sociedade acaba por invisibilizar corpos diferentes, que destoam do padrão heteronormativo. Como destaca Maria Eduarda Aguiar da Silva:

A influência da heteronormatividade sobre os corpos trans promove um verdadeiro processo de desumanização, entendendo desumanização como vulnerabilização induzida e produção de abjeções. Os reflexos desse processo de marginalização é a transfobia e falta de acesso aos espaços de educação, trabalho, e família constituindo a vida de pessoas transexuais em uma vida sub-humana, em indivíduos sem acesso aos direitos básicos de cidadania e vivência em sociedade.

Em relação as violências vivenciadas por mulheres transexuais e travestis estão o cerceamento do direito a vida, a cidadania, sem falar da violência simbólica, esta entendida quando os lugares se tornam não lugares, como exemplo prático podemos citar a expulsão do seio familiar e da escola.

A violência praticada contra travestis e mulheres transexuais é acentuada devido a invisibilidade dentro da sociedade (SILVA, 2019, p. 239).

Um dos âmbitos sociais em que ainda há grande resistência aos corpos trans é o meio esportivo. Diversas são as justificativas que levam à essa não aceitação, entretanto, a origem dos argumentos acaba perpassando a cultura heteronormativa.

Assim, percebe-se que tanto mulheres cis quanto mulheres trans enfrentam dificuldades para conquistar seu espaço e respeito no meio esportivo, por se tratar de uma área culturalmente ocupada de modo majoritário por homens cisgêneros.

### 3 A NECESSIDADE DE UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL

É válido ressaltar que qualquer análise sob a perspectiva feminista precisa também levar em conta o viés interseccional, isto é, deve ser percebida a realidade da diversidade feminina no que diz respeito à raça e às condições socioeconômicas. Como destaca Sirma Bilge:

A interseccionalidade reflete a teoria transdisciplinar que busca compreender a complexidade das identidades sociais e

desigualdades através de uma abordagem integrada. Tal teoria refuta a compartimentação de hierarquização dos grandes eixos de diferenciação social através de categorias de gênero/sexo, classe, raça, etnia, deficiência e orientação sexual. (BILGE, 2020, p. 239).

Nesse sentido, entende-se que uma perspectiva interseccional considera não apenas o reconhecimento de múltiplos sistemas de opressão, funcionando para além das categorias gênero, classe, raça etc, demonstrando a necessidade de se abordar as interações entre elas no surgimento e desenvolvimento das desigualdades (CRENSHAW, 1989).

Seguindo a concepção de bell hooks acerca do que é o feminismo, entende-se que se trata de um movimento contra qualquer tipo de opressão, não apenas entre os sexos. Nas palavras da autora, a finalidade do feminismo “*is not to benefit solely any specific group of women, any particular race or class of women*”<sup>4</sup>, mas transformar o mundo de modo que seja livre de qualquer opressão ou dominação (HOOKS, 1984, p. 26).

Como proposto por Daiva Stasiulis, a compreensão sobre a existência de todos os indivíduos deve perpassar as múltiplas dinâmicas sociais, culturais, econômicas e políticas que se desenvolvem de maneira simultânea e interativa, por meio de diversos focos “significantes” da estrutura social (1999, p. 345).

Apenas com essa noção é possível desenvolver medidas em prol da igualdade de gênero que não excluam nenhum grupo de mulheres. Os primeiros momentos do movimento feminista foram extremamente marcados pelo ponto de vista das mulheres ocidentais, brancas e de classe média e alta, de modo que surgiram outras vertentes do feminismo, idealizadas por mulheres negras e do “terceiro mundo”, a fim de haver a representação dessas experiências específicas, criticando-se a exclusão dessas mulheres do movimento inicial (ADAMS, 2017, p. 119).

A própria percepção interseccional tem como berço o “locus social das ‘mulheres de cor’”, na tentativa de emergirem da invisibilidade e marginalização em que se encontravam tanto nos movimentos feministas quanto nos antirracistas (BILGE, 2020, p. 240).

---

4 “não é beneficiar apenas um grupo específico de mulheres, de uma raça ou classe particular” (tradução livre).

Portanto, faz-se necessário analisar o âmbito esportivo por meio da concepção de interseccionalidade cunhada por Kimberle Crenshaw. Em sua obra, a autora demonstra que as categorias raça e gênero não podem ter sua experiência analisada de forma apartada (CRENSHAW, 1989, p. 139-167), afinal, as vivências de uma mulher negra são muito distintas das de uma mulher branca e de um homem negro. Crenshaw define a interseccionalidade como “uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 1989, p. 177), isto é, investiga-se de que forma as diversas formas de discriminação geram desigualdade, principalmente para os indivíduos que se encaixam em mais de uma categoria que sofre marginalização. Portanto, uma mulher negra, por sofrer tanto discriminação racial quanto de gênero, encontra-se em uma situação de vulnerabilidade maior que uma mulher branca.

Para diversos autores, a análise interseccional se dá em dois níveis: o microsocial e o macrossocial. A primeira considera o “intercruzamento de categorias sociais e as múltiplas fontes de poder e privilégio”, que autorizam a geração de efeitos das estruturas de desigualdades sobre as vidas dos indivíduos. Já no nível macrossocial, questiona-se os modos como os diferentes sistemas de poder se envolvem e influenciam reciprocamente na produção, organização e manutenção das desigualdades (HENDERSON; TICKAMYER, 2009).

Segundo Patricia Hill Collins, essa dualidade que caracteriza o pensamento interseccional é marcada por uma diferenciação lexical: o termo “interseccionalidade” seria utilizado para os modos específicos revelados pelo sistema de opressões presentes na vivência dos sujeitos; já o termo “matriz de dominação” designaria as organizações sociais (COLLINS, 2000, p. 18). Entretanto, a autora defende que devem ser incluídos quatro domínios de



poder<sup>5</sup> no interior da análise interseccional, os quais existem na totalidade das maneiras de opressão.

Como apontado por Susan J. Bandy, a interseccionalidade é também relevante nos estudos do âmbito esportivo. Conforme o trabalho de Roberta Park,

no início dos anos 1990, as historiadoras dos esportes começaram a reconhecer que o gênero não era monolítico; ao contrário, ele se cruza com uma série de outras dimensões da experiência humana e das identidades nos esportes como, por exemplo, raça, etnicidade, idade, classe social e status político. Refletindo sobre a tendência à interseccionalidade, as pesquisadoras dos esportes começaram a abordar o estudo do gênero de forma inovadora, incluindo o uso de conceitos ou temas (ao invés de teorias), bem como misturando metodologias e fontes de conhecimento, mais particularmente o uso de narrativas (PARK, 2021, p. 14)

Dessa maneira, fica demonstrado que também na análise da desigualdade de gênero no esporte, o viés interseccional é importante, uma vez que são diversas as realidades encontradas nesse meio.

#### 4 A INFLUÊNCIA DO FEMINISMO NO MEIO ESPORTIVO

No texto escrito por Mary Adams é possível verificar de que forma as chamadas “ondas feministas” influenciaram o meio esportivo (ADAMS, 2017, p. 116-117). É válido ressaltar, assim como fez a autora, que essa classificação tem fins puramente didáticos para localização temporal, uma vez que os problemas demonstrados por uma onda anterior não são completamente superados para que então surja um novo movimento.

Na realidade, o que ocorre é que cada onda, a seu tempo, percebe novas questões que precisam ser enfrentadas, trazendo à tona esses problemas. Ainda, como ressaltado anteriormente, inicialmente o movimento feminista é encabeçado por mulheres brancas de classe média, mas com o

---

5 Quais sejam: estrutural (leis e instituições); disciplinário (manejo administrativo e burocrático); hegemônico (naturalização cultural e ideológica das relações de dominação); interpessoal (interações cotidianas influenciadas por múltiplas hierarquias). (COLLINS, 2000, p. 277-290).

passar dos anos emergem outros projetos feministas, idealizados por mulheres negras, latinas e periféricas.

Inicialmente, a chamada primeira onda teve como principal objetivo o sufrágio feminino, ou seja, a concessão de direito ao voto às mulheres. Além disso, estavam na agenda do movimento feminista do fim do século XIX e início do século XX os direitos de propriedade, acesso à educação e liberdade econômica. Segundo Adams, a correlação com o esporte pode ser feita pelas pautas levantadas durante as décadas de 20 e 30 do século passado, quando essas mulheres começaram a busca pela legalização dos métodos contraceptivos e maior liberdade sobre os corpos femininos, permitindo que a mulher escolhesse a melhor maneira de controlar sua fertilidade. Esse discurso as leva a discutir a sua autodeterminação e autonomia física, de modo que procurem participar de atividades antes exclusivamente masculinas, como os esportes (ADAMS, 2017, p. 117).

A partir dos anos 60, emerge a segunda onda feminista, a qual na verdade é formada por um conjunto de diferentes linhas de pensamento: feminismo liberal, feminismo socialista e feminismo radical, por exemplo. Nesse contexto surgem outras vertentes, num viés crítico, pois até então o movimento feminista dava prioridade às questões que afetavam as mulheres brancas e de classe média. A autora exemplifica esse problema através do feminismo liberal, que propõe medidas educacionais, leis e políticas públicas como meios para se assegurar uma igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. No âmbito esportivo, a influência dessa corrente está visível na judicialização de casos para forçar entidades esportivas a acomodar atletas mulheres, sob a justificativa de que a discriminação baseada em sexo ou gênero fere os direitos humanos.

Por sua vez, o feminismo socialista prezou por dar atenção às desigualdades de gênero ocasionadas pelo sistema econômico capitalista. Essa perspectiva aplicada aos esportes gerou diversas críticas quando se percebeu que diversas empresas se apropriaram da linguagem feminista e da imagem das atletas para criar um novo nicho de mercado, aumentando o consumo das roupas femininas esportivas (ADAMS, 2017, p. 118).

De acordo com Susan Bandy, foi esse contexto que viabilizou o advento do movimento de mulheres no esporte, especialmente na América do Norte e na Europa Ocidental (BANDY, 2021, p. 4). É também nesse momento que os estudos relativos ao conceito de “gênero” começam a emergir nas análises teóricas dos Estudos dos Esportes, promovidos pelo interesse acadêmico sobre o corpo (BANDY, 2021, p. 4).

Nos anos 90 começou a terceira onda do feminismo, que se apresentou como uma crítica aos movimentos anteriores, dando uma maior ênfase no empoderamento feminino e formas de expressão individual (ADAMS, 2017). Com isso, percebe-se que existem lutas feministas, vez que é impossível abranger todos os interesses em uma única corrente, devido às diversidades culturais, sociais e econômicas. Essa noção transportada ao esporte, segundo Leslie Heywood e Sherri Dworkin (2003), permite que as atletas modifiquem a representação feminina na cultura popular. Em diversas culturas as atletas são figuras conhecidas, entretanto, em grande parte dos casos acabam por sofrerem com a sexualização de sua imagem ou ainda reforçando concepções de “feminilidade”, excluindo mulheres que não atingem os padrões de beleza impostos pela sociedade.

Isso porque, originalmente, às mulheres era sugerido que praticassem atividades que exigissem flexibilidade, agilidade, leveza e suavidade, enquanto aos homens eram indicados os esportes que exigiam força, velocidade, resistência e potencialização muscular (JAEGER, 2006, p. 201). Entretanto, o esporte tem se modificado, expandindo os horizontes dos e das atletas, permitindo que não exista essa distinção entre esportes “de homem” e “de mulher”, tornando o âmbito esportivo mais acessível e inclusivo.

Desse modo, a partir do momento em que as atletas que estão presentes na mídia adotam posicionamentos em prol do discurso feminista, demonstrando força e independência, sendo totalmente contrárias a qualquer tipo de opressão ou discriminação, passa a ser possível dar os primeiros passos em direção à igualdade de gênero no mundo dos esportes.

Válido ressaltar que também surgem correntes feministas voltadas às mulheres negras e latinas, a fim de representar suas experiências próprias e

criticar as exclusões e limitações sofridas por elas – que muitas vezes acabam por ser mais intensas que as experienciadas por mulheres brancas. Nesse cenário, a autora demonstra a importância da adoção da interseccionalidade, exemplificando por meio do contexto da patinação artística, o qual é estudado por ela.

An intersectional analysis of, for instance, women's (or men's) experiences in a particular sport, would require attention not just to gender but to how gender is produced through other social relations, like race and class. Such an analysis draws out the salience of race and class to the gendering of athletes of colour or athletes from economically marginal backgrounds; it also shows how race and class privilege constitute the gendered experiences of white middle-class athletes. In figure skating, the sport that I study, relations of race and class are most evident in the overwhelming whiteness of what is a very expensive sport and in the particularly limited notions of gender that are constantly reproduced in performances (Adams 2011). For female skaters the style that is most often rewarded is a kind of clichéd elegance drawn from Western styles of dance or Hollywood glamour. In popular culture this is a style most frequently expressed by white bodies, a fact that privileges white skaters, who embody the ideal. Racial stereotypes that position black women as naturally more athletic and as less naturally graceful than white women put black skaters at a disadvantage in a sport where narrow aesthetic norms determine success. (ADAMS, 2017, p. 120)<sup>6</sup>

Por meio desse exemplo é possível constatar que dentro do mundo dos esportes não só o gênero pode vir a interferir no sucesso obtido pelas atletas, assim como a sua raça e classe econômica podem sim exercer influência em sua jornada.

---

<sup>6</sup> “Uma análise interseccional, por exemplo, de experiências femininas (ou masculinas) em um esporte particular, requer atenção não somente ao gênero, mas também a como o gênero é produzido por meio de outras relações sociais, como raça e classe. Tal análise extrai a relevância da raça e da classe para o gênero de atletas de cor ou atletas de origens econômicas marginais; isso também mostra como privilégios de raça e classe constitui as experiências de gênero de atletas brancos de classe média. Na patinação artística, o esporte que estudo, as relações de raça e classe são mais evidentes na brancura avassaladora de um esporte muito caro e nas noções de gênero particularmente limitadas que são constantemente reproduzidas nas performances (ADAMS, 2011). Para as patinadoras, o estilo mais frequentemente recompensado é um tipo de elegância clichê extraída dos estilos de dança ocidentais ou do glamour de Hollywood. Na cultura popular, este é um estilo mais frequentemente expresso por corpos brancos, fato que privilegia patinadoras brancas, que encarnam o ideal. Os estereótipos raciais que posicionam as mulheres negras como naturalmente mais atléticas e menos naturalmente graciosas do que as mulheres brancas colocam as patinadoras negras em desvantagem em um esporte no qual normas estéticas estreitas determinam o sucesso.” (tradução livre).

## 5 AS DESIGUALDADES DE GÊNERO DENTRO E FORA DE CAMPO

A fim de delimitar o campo de análise do presente trabalho no presente capítulo serão discutidas as questões de gênero dentro do futebol. Inicialmente é possível fazer um exame quantitativo para demonstrar um dos grandes pontos da desigualdade de gênero: o valor dos prêmios e dos salários.

Segundo matéria da BBC (THOMSON; LEWIS, 2014) citada por Mary Louise Adams (2017, p. 115) os campeões da Copa do Mundo de Futebol de 2014 receberam 22 milhões de libras, enquanto as campeãs na modalidade feminina receberam 630 mil libras.<sup>7</sup> Comparando os salários das atuais estrelas da seleção brasileira, Neymar recebe do clube Paris Saint Germain cerca de 396 milhões de reais por ano, enquanto Marta, tem um salário anual de 1,47 milhão de reais no time Orlando Pride (GEOVANA, 2019). Para visualizar de forma prática essa enorme diferença, Marta precisaria trabalhar quase 270 anos para arrecadar o valor recebido por Neymar em apenas um ano.

A partir desses números é evidente a disparidade entre os gêneros; apesar das e dos atletas exercerem basicamente o mesmo papel, é nítido que os homens recebem salários e prêmios absurdamente maiores que as mulheres.

Além dessa análise, é possível verificar a quantidade de mulheres na estrutura organizacional dos clubes e também nas comissões técnicas, mesmo nos times femininos.

Segundo pesquisa publicada no XIX USP *International Conference in Accounting*,<sup>8</sup> de um total de 7.052 membros compondo os órgãos estatutários de 38 clubes brasileiros, as mulheres somavam apenas 265 – menos de 4% (OLIVEIRA; FERREIRA; FABRÍCIO; BORBA, 2019). Dentre os clubes analisados, dez não possuem nenhum membro mulher em sua diretoria, e outros 13 contam com a presença de até cinco mulheres apenas. Percebe-se, então, que as disparidades estão também na representação e participação feminina dentro da administração dos clubes de futebol.

7 Elas receberam menos de 3% do valor recebido pelos campeões da categoria masculina.

8 Conferência Internacional em Contabilidade (tradução livre).

Ainda, conforme dados de estudo publicado na Revista Movimento (Revista de Educação Física da UFRGS), as mulheres representam um número muito reduzido nos cargos das comissões técnicas dentro dos times que disputaram o Campeonato Brasileiro Feminino - foram analisadas as composições entre os anos de 2013 e 2019. Constatou-se que os homens ocupam 83% das vagas de treinadores, chegando tal percentual a ser de 95% no cargo de treinador de goleiro. Já a posição de auxiliar técnica foi aquela em que houve uma maior presença de mulheres, entretanto o percentual é de apenas 22% (PASSERO; BARREIRA; TAMASHIRO; SCAGLIA; GALATTI, 2020, p. 7-8).

Segundo esse estudo, houve um aumento lento e gradual na participação das mulheres nesses cargos. Contudo, seguindo neste ritmo, somente entre as décadas de 2030 e 2040 é que se atingiria uma igualdade numérica entre os gêneros (PASSERO; BARREIRA; TAMASHIRO; SCAGLIA; GALATTI, 2020, p. 8-9).

Também é necessário lembrar a percepção interseccional proposta ao início do presente estudo. A participação de mulheres negras é praticamente nula dentro das comissões técnicas: em 2020 nenhuma equipe feminina da série A1 contou com a presença de uma técnica negra. Houve um episódio em que a discriminação foi nítida. A Renata Koki atua como auxiliar técnica no Iranduba, devido a um empréstimo de jogadoras e comissão do time 3B, os técnicos não poderiam participar da partida contra o Palmeiras. A ex-jogadora da seleção constou como técnica na súmula, justamente por ser a “herdeira natural” da vaga, devido ao cargo de auxiliar.

Entretanto, foi substituída pelo preparador físico no comando do time durante esse jogo, por solicitação do presidente do 3B (BULLE, 2020). Esse caso exemplifica as barreiras ainda mais altas enfrentadas por mulheres negras dentro do futebol.

A partir da visualização dessas informações, é nítido que as desigualdades de gênero no âmbito esportivo são gigantescas. Atualmente, diversas medidas estão sendo tomadas para que as mulheres tenham maior reconhecimento e participação nesse meio. Exemplo disso é a determinação

de 2019 da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) a respeito da obrigatoriedade de manutenção de um time feminino adulto e um de base em todas as equipes da série A do Campeonato Brasileiro. Essa medida, além de valorizar o trabalho de atletas mulheres, visa a adequar o futebol brasileiro às demandas da FIFA por providências em prol do desenvolvimento da igualdade de gênero no esporte (BARRETO, 2020).

Apesar dessa obrigatoriedade poder “mascarar” o real interesse dos clubes no investimento nesta modalidade, é fato que se trata de um grande avanço para o futebol feminino. Além disso, a profissionalização destas atletas é outra mudança relevante para a igualdade entre homens e mulheres. A equipe do Santos Futebol Clube foi a pioneira, sendo a primeira a profissionalizar uma atleta, além de ser o clube que possui uma equipe feminina há mais tempo e de modo constante – desde 2015 (MAGRI, 2019). Essa tendência tem sido percebida também em outros times, nos últimos cinco anos mais de 60%<sup>9</sup> dos clubes que disputam o Campeonato Brasileiro Feminino A1 possuem equipes profissionalizadas, o que representa um grande avanço para um curto período de tempo (BARRETO, 2020).

Essa determinação da CBF também foi extremamente importante por tratar das categorias de base. No futebol masculino há um enorme número de categorias, iniciando no sub-11, o que aumenta o número de oportunidades aos meninos, permitindo que desde muito jovens tenham um treinamento específico, visando à profissionalização. Já no feminino essa realidade é muito distinta, são poucas as competições e times com categorias para as meninas, de modo que se tornar uma atleta profissional é muito mais difícil.

Apesar do grande marco da obrigatoriedade da formação de times femininos nos grandes clubes, constata-se que essa ação por si só não é suficiente. Além de criar tais equipes, é necessário que haja um investimento no seu desenvolvimento para que as atletas tenham uma boa evolução técnica. Com o aumento da qualidade técnica, as competições femininas tendem a se tornar tão atrativas e financeiramente rentáveis quanto as masculinas.

---

9 Dez dos 16 times.

Além de providências tomadas pelos clubes, podem ser colocadas em prática políticas públicas visando ao incentivo do esporte feminino. Exemplo disso é a iniciativa do Governo do Estado da Bahia que, em conjunto com a Federação Baiana de Futebol e os clubes baianos, busca o desenvolvimento de políticas de valorização do futebol feminino no estado. Em junho de 2019, foi realizada uma sessão especial na Assembleia Legislativa para discussão de estratégias, modos de patrocínio e modelos de projetos que fomentem a participação feminina nos esportes (GOVERNO DO ESTADO, 2019).

Ainda, há de se reconhecer a necessidade de aumentar o espaço dos esportes femininos na mídia. Um grande avanço aconteceu recentemente, a Copa do Mundo de Futebol Feminino foi transmitida pelo canal SporTV, assim como a Rede Globo transmitiu os jogos da Seleção Brasileira (PAIVA, 2018), de modo que a competição teve uma visibilidade muito maior que as edições anteriores. Entretanto, é perceptível que ainda não se compara a cobertura e atenção dadas aos jogos da competição masculina, visto que para acompanhar os jogos da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2018 diversas empresas dispensaram seus funcionários ou alteraram o horário de funcionamento (CANTENERAS, 2018; DIAS DE JOGO..., 2018).

Também é válido ressaltar que ainda hoje muitas vezes “quando alguma atenção é dada a essa prática, geralmente não só os talentos esportivos das atletas, árbitras ou treinadoras, mas a sua imagem (estética) e o seu comportamento são observados” (SANTOS; MEDEIROS, 2012, p. 188). Essa situação é bastante problemática, pois diferentemente do que ocorre no ambiente masculino, quando se trata de mulheres muitas vezes a sua beleza ou modo de se portar ganham mais relevância do que a sua atuação profissional.

Exemplo disso é apresentado por Doiara Silva dos Santos e Ana Gabriela Alves Medeiros, quando citam os comentários durante a partida entre a equipe feminina do Santos Futebol Clube e do Club Desportivo EnForma, time boliviano:













